

Dora Kramer*

Lula se equilibra entre Donald e Delcy

Dias de contorcionismo político aguardam o governo brasileiro neste período que sucede à derrubada de Nicolás Maduro e a permanência do chavismo na Venezuela sob a pretendida -e ainda não explicada- administração de Donald Trump.

Ao presidente Luiz Inácio da Silva (PT) e sua equipe se impõe o delicado exercício de equilíbrio entre a defesa da soberania de Estados nacionais, a precaução a respeito do precedente intervencionista sobre a América Latina e a necessidade de preservar relações entre Brasília e Washington.

Num cenário de incertezas e inconsistências, reina a incoerência maior como traço de união entre os dois países: o reconhecimento da vice-presidente Delcy Rodríguez, companheira de chapa de Maduro na eleição fraudada e por isso não reconhecida por Brasil e Estados Unidos.

Na emergência, pode-se argumentar que a legitimização de Delcy até então dada como ilegítima é o que se tem de mais próximo da encenação de normalidade conveniente ao momento. Rupturas seriam batatas quentes difíceis de segurar. Tanto lá como cá.

Os americanos não teriam como sustentar a

lenda da operação pontual para captura de um criminoso e os brasileiros precisariam substituir as análises teórico/abstratas sobre violação de normas internacionais por condenação concreta, com nome aos bois.

As manifestações feitas até agora na ONU, no Planalto ou nas redes digitais não citaram Donald Trump, como se a tropa que entrou em Caracas para extrair o ditador atuasse sem comando, por geração espontânea.

Essa ambiguidade não resistirá ao tempo nem aos acontecimentos, que exigirão definições. O que dirá nosso governo caso a Venezuela se transforme em colônia americana? Como vai se posicionar se as milícias chavistas instaurarem uma guerra civil? E se, fruto de acordo Donald-Delcy, perdurar uma ditadura consentida em troca de bons punhados de dólares?

São temas que desafiam qualquer equilibrista a medir com cuidado a distância entre o tombo e a corda bamba.

*Jornalista e comentarista de política

Arnaldo Niskier*

A vitória sobre os humanos

Não demorou muito e já se assinalam vitórias da máquina sobre os seres humanos. Empresas de IA agora pedem engajamento, como se fossem redes sociais. Na Internet se registra um número de artigos escritos por inteligência artificial maior do que o produzido por humanos. Este ano, 53,5% são gerados por máquinas. As empresas de IA agora fazem em ferramentas para uso em tarefas práticas.

Na "Folha de São Paulo" pode-se ler que um modelo de negócio passa a ser movido por IA. A Open AI, por exemplo, anunciou que vai permitir conversas sexuais da sua IA com adultos. E lançou o Sora, aplicativo focado em vídeos curtos, como TikTok, produzidos com IA. Caminha-se para torná-la "companheira", o que vai gerar o que pode causar dependência emocional, como prevê o jornalista Ronaldo Lemos, na citada "Folha".

A consequência desse avanço é que a IA será de extrema valia em problemas como luto e ansiedade em geral, com o emprego de palavras adequadas para cada oportunidade.

Existe também o uso para o enfrentamento dos assustadores riscos climáticos, como ficou demonstrado na COP30. A Noruega está à frente desse processo.

O fundo não foi criado como passatempo, já que vai movimentar uma soma impressionante de recursos (2 trilhões de dólares). Ainda não foi bem compreendida a atitude dos Estados Unidos, que negocia a sua complicada adesão ao Fundo. Por ora, a sua força provém das receitas e do gás do Estado norueguês, que se manifestou com muita empolgação desde os primeiros momentos em que a ideia foi divulgada. O governo norueguês dialoga com as empresas nas quais investe e usa um recurso infalível, ameaçando cortar relações se há alguma transgressão notória. Lamenta-se muito que os Estados Unidos, sob a orientação de Donald Trump, está dando as costas às empresas de energias renováveis em favor dos combustíveis fósseis. Há todo um trabalho diplomático para tentar reverter essa situação, por enquanto sem sucesso. Mas vejam que a decisão da Noruega é muito forte. O país escandinavo já alcançou mais de 2 trilhões de dólares. Investe em mais de 8.500 empresas no mundo inteiro e espera um êxito ainda maior, com a divulgação da excelência da sua iniciativa.

*Escritor. Membro da Academia Brasileira de Letras e da Academia Carioca de Letras.

O CORREIO DA MANHÃ NA HISTÓRIA * POR BARROS MIRANDA



HÁ 95 ANOS: DESEMBARGADORES EXONERADOS DO CONSELHO NACIONAL DO TRABALHO

As principais notícias do Correio da Manhã em 7 de janeiro de 1931 foram: Depois de uma prolongada agonia morreu em Paris o marechal Joffre, vencedor do Marne. Príncipe de Gales inicia viagem

rumo à América do Sul. Esquadrilha Balbo levanta voo rumo a travessia do Atlântico, para o Brasil. Desembargadores exonerados de membros do Conselho Nacional do Trabalho.

HÁ 75 ANOS: COMISSÃO DE FINANÇAS DA CÂMARA VETA ABONO DE NATAL

As principais notícias do Correio da Manhã em 7 de janeiro de 1951 foram: Forças Aliadas e tropas chinesas em combate na capital sul-coreana Seul. Nações árabes e asiáticas elaboram plano para ten-

tar acabar com a Guerra da Coreia. Senado arquivou o voto dos advogados. Projeto do Abono de Natal ao funcionalismo público é rejeitado na Comissão de Finanças da Câmara.

EDITORIAL

Um acordo comercial duro de existir

O acordo comercial entre o Mercosul e a União Europeia tem sido apresentado como um dos mais ambiciosos das últimas décadas, prometendo integrar dois grandes mercados, ampliar o comércio e fortalecer laços políticos. No entanto, ele desperta intensos debates, especialmente na Europa, onde cresce a percepção de que produtos sul-americanos podem representar um risco significativo para setores produtivos locais.

Entre os prós do acordo está a ampliação do acesso a mercados. Países do Mercosul ganhariam maior facilidade para exportar commodities agrícolas, carnes, grãos e produtos agroindustriais, enquanto a União Europeia ampliaria a venda de bens industriais, tecnológicos e serviços. A redução de tarifas poderia estimular investimentos, aumentar a competitividade e gerar crescimento econômico em ambas as regiões. Além disso, o acordo tende a reforçar o multilateralismo em um cenário global marcado por tensões protecionistas.

Por outro lado, os contras são relevantes e explicam a resistência de vários países europeus. O principal ponto de tensão está no setor agrícola. Produtos sul-americanos, especialmente carne bovina, soja, açúcar e etanol, costumam ter custos de produção mais baixos, em parte devido a escalas maiores, mão de obra mais barata e normas ambientais e sanitárias menos rigorosas do que as exigidas aos produto-

res europeus. Isso alimenta o temor de concorrência desleal, capaz de pressionar preços, reduzir a renda de agricultores europeus e fragilizar economias rurais já vulneráveis.

Há também preocupações ambientais. Críticos argumentam que o aumento das exportações do Mercosul pode incentivar o desmatamento e práticas agrícolas pouco sustentáveis, colocando em risco compromissos climáticos assumidos pela União Europeia. Nesse sentido, o risco não é apenas econômico, mas também reputacional: importar produtos associados à degradação ambiental contraria o discurso europeu de liderança verde.

No lado sul-americano, o acordo também levanta dúvidas. A abertura aos produtos industriais europeus pode dificultar o desenvolvimento de indústrias locais, reforçando a dependência da exportação de produtos primários. Assim, o acordo carrega o paradoxo de promover crescimento, mas também aprofundar assimetrias.

Em síntese, o acordo Mercosul-União Europeia oferece oportunidades reais, mas seus riscos, especialmente o impacto dos produtos sul-americanos sobre os produtores europeus, não podem ser ignorados. O desafio está em equilibrar comércio, proteção social e sustentabilidade, para que a integração não beneficie apenas alguns, mas produza ganhos compartilhados e duradouros.

Opinião do leitor

Provérbio alemão

O que esperar de 2026? Haverá paz onde reina o conflito? O que nos reservam a economia e a política? Que 2026 traga boas notícias para todos! Um provérbio alemão diz: "A esperança é a última a morrer".

José Ribamar Pinheiro Filho
Brasília - Distrito Federal

Correio da Manhã

Fundado em 15 de junho de 1901

Edmundo Bittencourt (1901-1929) • Paulo Bittencourt (1929-1963) • Niomar Moniz Sodré Bittencourt (1963-1969)

Patrick Bertholdo (Diretor Geral)
patrickbertholdo@correiodamanha.net.br

Cláudio Magnavita (Diretor de Redação)
redacao@correiodamanha.com.br

Redação: Gabriela Gallo, Iye Ribeiro, Marcelo Perillier, Pedro Sobreiro, Rudolfo Lago (editor), William França e Rafael Lima

Serviço noticioso: Folhapress e Agência Brasil

Projeto Gráfico e Arte: José Adilson Nunes (Coordenação), Thiago Ladeira e Anderson Sá

Telefones: (21) 2042 2955 | (11) 3042 2009 | (61) 4042-7872

WhatsApp: (21) 97948-0452

Rio de Janeiro: Av. João Cabral de Melo Neto 850 Bloco 2 Conj. 520

Rio de Janeiro - RJ CEP 22775-057

Brasília: ST SIBSQuadra 2 conjunto B Lt 10 - Nucleo Bandeirantes

Brasília - DF CEP 71736-20

São Paulo:

Campinas:

www.correiodamanha.com.br

Os artigos publicados são de exclusiva responsabilidade dos autores e não necessariamente refletem a opinião da direção do jornal.